

Literatura e Autoritarismo

Dossiê “Imagens de Devastação”

APRESENTAÇÃO

Em 1922, T. S. Eliot publicou *The Waste Land*, que se tornaria seu mais famoso poema e logo seria reconhecido pela crítica como um dos textos decisivos do século XX. Nele, recuperava, desde o título, o *tópos* medieval da *terra devastada*, codificado originariamente como *terre gaste* por Chrétien de Troyes no *Conte du Graal* (c. 1181) e pouco tempo depois já glosado por Dante Alighieri como *paese guasto*. Eliot, porém, conferiu um significado todo novo àquela tópica, ao usá-la para traduzir poeticamente a crise política e, antes, ética de sua própria época: a crise permanente de um mundo que mal saíra da Grande Guerra de 1914-1918, precisamente aquele conflito no qual culminara, como bem viu Walter Benjamin, o *declínio da experiência* inerente à modernidade, ao qual escritores, assim como pintores, escultores, músicos, arquitetos e cineastas, responderiam com a emergência de novas formas artísticas capazes, ao menos idealmente, de “sobreviver à cultura” (ou seja, de sobreviver à devastação mais profunda).

Essa recuperação e ressignificação da tópica da terra devastada por Eliot inaugurou toda uma linhagem de figuração da modernidade como paisagem devastada, que desconhece fronteiras nacionais e linguísticas, com repercussões ainda hoje não só na literatura, mas nas artes contemporâneas em geral. E vale notar, ademais, que a consolidação artística e crítica dessa nova tradição da figuração da terra devastada também nos permite rever e reavaliar sob nova luz um conjunto de representações anteriores que já iam neste caminho – na literatura brasileira, lembremos logo de Euclides da Cunha, tanto em *Os sertões* quanto no póstumo *À margem da história*. Nos últimos anos, esse imaginário da devastação parece ter recobrado pertinência no plano cultural mais amplo, do jornalismo à literatura, da imaginação política às telas de cinema.

Razões não faltam para que o nosso tempo seja visto como um tempo de devastação: pensemos mais amplamente na catástrofe ecológica do aquecimento global, que já começa a mudar a paisagem ao redor do planeta e a produzir mais e mais refugiados ambientais, mas também localizadamente em acidentes como o de Fukushima (que reprisa Three Miles Island e Chernobyl em escala ampliada) ou ainda, no caso do Brasil, na progressiva (e “progressista”) destruição da Amazônia, seja para transformar a floresta em soja e pasto, seja para converter seus rios em reservatórios de usinas hidrelétricas. No episódio do furacão Katrina, nos Estados Unidos, ficou claro o vínculo entre essa devastação global e novas formas de *autoritarismo* – o que também vem se verificando, com modalidades próprias, na construção das hidrelétricas de Belo Monte, Jirau e Santo Antônio, no Brasil.

Como a literatura e a cultura em geral têm respondido a esse quadro? Que novos desafios tal situação vem colocando e continuará a colocar para escritores e artistas? Que autores e obras do passado, recente ou distante, podem ser relidos à luz dessas novas configurações políticas? Essas são algumas das questões que nortearam esta edição da revista *Literatura e autoritarismo*.

O primeiro artigo, assinado por Kelvin Falcão Klein, investiga as relações entre imagem e memória – e entre vivos e mortos – através de uma leitura cruzada das obras de W. G. Sebald, Vladimir Nabokov, Giorgio Agamben e Aby Warburg. Em seguida, Gustavo Silveira Ribeiro também aborda a obra de Sebald, aproximando-a criticamente do trabalho do artista plástico Frans Krajcberg, a partir da relevância da fotografia para os dois autores. Por sua vez, Carlos Eduardo Bione analisa a obra ficcional de Yan Lianke, autor reconhecido internacionalmente pelo modo crítico como encara o desenvolvimento chinês. Em seu artigo, Pádua Fernandes examina as imagens do genocídio promovido pela ditadura militar argentina tais como elas aparecem na poesia de Julián Axat (na qual entrevê a criação de uma “biopoética” que se opõe ao biopoder do terror autoritário). Tatiana Sena estuda, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, as imbricações entre política e morte no processo de consolidação da república no Brasil. Katrym Aline Bordinhão dos Santos, no texto seguinte, se detém nas imagens de devastação em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Fabio Weintraub, enfim, a partir do debate entre antropólogos e urbanistas sobre a privatização e militarização do espaço público nas cidades ocidentais, examina o imaginário bélico na obra poética de Ronald Polito.

Como uma espécie de bônus, esta edição apresenta, em tradução de Idelber Avelar, um breve ensaio de Greil Marcus e Werner Sollors, extraído de *A New Literary History of America* (Harvard University Press, 2009). No ensaio, Marcus e Sollors refletem acerca dos efeitos políticos do furacão Katrina sobre Nova Orleans – e sobre os Estados Unidos – a partir da releitura de obras literárias que trataram de catástrofes climáticas anteriores que se abateram sobre a região.

Ana Maria Domingues de Oliveira
Eduardo Sterzi
Marcus Brasileiro
(Organizadores)